

Paisagens Turísticas: conexões ambientais e educacionais

Touristic Landscapes: environmental and educational connections

Renata Salgado Rayel

Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista
“Julio Mesquita Filho” – UNESP – Rio Claro
Professora do SENAC São Carlos, SP, Brasil
rerayel@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende apresentar algumas questões relacionadas à percepção, interpretação e valoração ambiental, correlacionadas às atividades turísticas, intrinsecamente associadas ao modo de ver, compreender e conservar o meio ambiente, mantendo as raízes socioculturais ou adaptando-as, sem descaracterizar as peculiaridades de suas paisagens no tocante às territorialidades que estas envolvem, fundamentando-se em métodos fenomenológicos. Como resultado, identificou-se que os recursos paisagísticos apreciados em seus aspectos pertinentes ao Turismo de Base Comunitária, simultaneamente, podem tornar-se recursos educativos por meio da educação ecológica. No sentido de valorar de maneira proativa o ambiente, auxiliando no entendimento multidimensional e multifuncional da paisagem.

Palavras-chave: Paisagem, Interpretação, Educação, Turismo, Valoração Turística.

ABSTRACT

This article aims to present some issues related to perception, interpretation and environmental valuation, correlated to the touristic activities, intrinsically associated with the point of view, the understanding and conservation of the environment, maintaining the socio-cultural roots or adapting them, without spoiling the peculiarities of its landscapes regarding the territorialities that they involve, based in phenomenological methods. As a result, it was found that the landscape resources valued in their aspects relevant to Based Tourism Community, simultaneously, can become educational resources through ecological education. In order to seek the processes of environmental proactive valuation assisting in the understanding and knowledge of the landscape, understood both in its multidimensionality and multifunctionality.

Keywords: Landscape, Interpretation, Education, Tourism, Tourist Valuation.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão das conexões ambientais que envolvem as paisagens turísticas encontra-se vinculada à subjetividade humana e aos recursos paisagísticos ecléticos que moldam os diferentes espaços, razão pela qual não se pode dissociá-los, como objeto de investigação, neste estudo. A análise do Turismo como função econômica e social está contextualizada em uma abordagem ambiental de visão holística sob as concepções geossistêmica e fenomenológica (BERNÁLDEZ,

1981; RELPH, 1979; MERLEAU-PONTY, 1999), mediante a multidimensionalidade e multifuncionalidade paisagística apresentada por Naveh (2000). Desse modo, a paisagem envolve as associações dinâmicas, em sua historicidade, por destacar as interconexões e gradientes de interdependência entre os sujeitos e o meio em que vivem, sob a ótica das transformações culturais e socioeconômicas resultantes, marcadas pelos significados dos valores objetivos e subjetivos.

No processo interpretativo da paisagem, esses valores são observados por Bernáldez (1981, p.211) como “un importante objeto de atención, “charnela” entre el enfoque científico, abstracto y cuantitativo y el mundo de la cultura empírica y sensorial. De ahí la gran importancia de buscar la complementariedad entre ambos enfoques”¹. Podemos, assim, analisar o conceito de paisagem em um sentido mais amplo e complexo, que transcende sua fisiografia, abrangendo cosmovisões e complexificação da consciência humana. Nesse aspecto, a paisagem é, ao mesmo tempo, para TUAN (1980, p.91) “o prolongamento e o reflexo de uma sociedade e um ponto de apoio oferecido aos indivíduos para se pensar nas diferenças com outras paisagens e outras sociedades”, construídas com base nos “elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo”, que permitem refletir sobre “os ritmos e as limitações do meio ambiente natural”. Diante da subjetividade interpretativa das paisagens, depara-se com o ser humano e seu papel fundamental de olhar e servir-se dos bens ambientais determinados pelas atuais e passadas funcionalidades sociais, no intuito também de refletir e aprender com as diferentes configurações paisagísticas.

A ligação estabelecida entre os sujeitos e suas paisagens encontra-se respaldada nas perspectivas experienciais e existenciais, evidenciada pelas influências socioculturais advindas da variação dos elementos psicológico e espiritual capazes de adensar o lugar ou espaço vivido de referenciais derivados da afetividade. Estes, por sua vez, levam a processos de ressignificação a cada novo vivenciar, tendo em vista as transformações perceptivas e interpretativas decorrentes, ampliando a própria compreensão de “mundo vivido” (BUTTNER, 1982; FRÉMONT, 1980; TUAN, 1980; 1983). Dessa maneira, a observação de lugares ocorre em diferentes níveis perceptivos, demonstrados pela forma de relacionar-se com o ambiente, proporcionando ou não, a valoração de imagens paisagísticas que revelam como o espaço é pensado, adaptado e gerido.

Por meio da abordagem geográfica, as paisagens representam legados que testemunham dimensionamentos interpretativos e espaciotemporais, dos quais emergem as diferentes dinâmicas de épocas das sociedades, representadas, por exemplo, nos conjuntos paisagísticos histórico-arquitetônicos, nas *landmarks* (marcas da paisagem), nas identidades territoriais, entre outros aspectos, tal como ocorre no contexto das atividades turísticas, que diferenciam os lugares traçando

¹um importante objeto de atenção, «desdobramento» entre abordagem científica, abstrata e quantitativa do mundo, da cultura empírica e sensorial. Daí a grande importância de buscar complementaridade entre ambos enfoques (Tradução da autora).

um perfil específico de funcionalidades, que contribui para a valoração e visibilidade das imagens dos atrativos turísticos. Em síntese, o conglomerado de cenários imagéticos integra vários interesses multidimensionais e multifuncionais. (BACHELARD, 1978; BÓLOS, 1992; BRANDT; TRESS; TRESS, 2000; NAVEH; LIEBERMAN, 1994; PALANG; FRY, 2003).

As imagens das paisagens, segundo Relph (1979), resguardam símbolos e acepções representativas das culturas locais, que carregam particularidades dos seus ângulos, em uma tessitura de gênese e identidades paisagísticas, que influenciam a valorização dos seus diversos componentes, bem como de suas territorialidades. Há ainda que se refletir, na imbricação destes processos, sobre as escalas valorativas atribuídas aos conjuntos de paisagens e às imagéticas derivadas dos cenários ambientais (GUIMARÃES, 2005; 2007; 2010). Notamos as diferentes maneiras de entendimento, aprendizado, afetividade, organização e significados dos lugares, que levam à valoração ambiental. O mesmo acontece nas áreas turísticas que, geralmente, utilizam ambientes, cenários e paisagens como recurso valorado, encontrando na relação **Paisagem - Turismo** as diferentes dimensões valorativas e seus indicadores quantitativos e qualitativos, definidos pela e/ou para a sociedade.

2. A TURISTIFICAÇÃO DAS PAISAGENS E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES

As paisagens são contextualizadas ambientalmente na sistematização dos cenários das destinações turísticas. A ideia de cenário para definir paisagem é muito usual, no campo do Turismo, por estabelecer forte atração subjetiva, de bem-estar emocional e físico, capaz de levar o visitante a conhecer e experienciar atrativos aprazíveis aos diferenciados olhares e vivências. A compreensão da paisagem turística é, muitas vezes, restrita a ideias estéticas, a seletivas perspectivas paisagísticas admiradas por sua beleza, porém o termo cenário é aplicável no turismo correlacionado à ordenação e valoração das paisagens multifuncionais, tanto em seus processos de construção, estruturação e/ou reestruturação como nas condições de qualidade visual de suas imagens. Ao discorrer sobre as paisagens, Meinig (1979, p.02), considera que:

Thus every landscape is a scene, but landscape is not identical with *scenery*. The very idea of scenery is limited, a conscious selection of certain prospects, locales, or kinds of country as having some attractive aesthetic qualities. Scenery has connotations of a set piece, a defined perspective, a focus upon certain features, a discrimination based upon some generally received idea of beauty or interest; whereas landscape is ubiquitous and more inclusive, something to be observed but not necessarily admired. Interest in landscape may involve aesthetics but it is not defined by it.²

² Assim, cada paisagem é uma cena, mas paisagem não é idêntica a cenário. A própria ideia de cenário é limitada, uma seleção consciente de certas perspectivas, localidades ou tipos de país que têm algumas qualidades estéticas atraentes. Cenário tem conotações de uma porção, uma perspectiva definida, um foco em certas características, a discriminação baseada em uma ideia geralmente aceita por beleza ou de interesse; considerando paisagem onipresente e mais inclusiva, algo a ser observado, mas não necessariamente admirado. O interesse na paisagem pode envolver a estética, mas não é definida por ela. (Tradução da autora).

Frequentemente, as paisagens turísticas são moldadas de acordo com as intenções, as conveniências e reciprocidades que norteiam a construção ou reprodução dos vários cenários do turismo. Entretanto, os elementos estéticos das paisagens construídos ao longo do tempo passam por mutações, devido às alterações dos critérios e dos valores vigentes nas sociedades, o que lhes atribuem ressignificações. Neste caso, o conceito de estética é mais amplo e heterogêneo, envolvendo avaliações qualitativas e subjetivas, principalmente no que tange à percepção dos lugares e aos significados éticos e intrínsecos de uma paisagem:

Os lugares turísticos geralmente são escolhidos e admirados por suas paisagens. (...) Admiradas como cenários, as paisagens são testemunhos visuais de elementos estéticos e simbólicos construídos historicamente e que, quando identificados e apropriados pelo viajante, despertam um renovado interesse no lugar visitado e contribuem para estabelecer uma valorização qualitativa (SILVA, 2004, p.27).

Contudo, a estética e simbologia paisagística, no que se refere à visão panorâmica das fisionomias de relevante valor cênico, são tópicos que precedem outros, na atração de turistas, na geração de valores e na formação de estereótipos socioculturais comercializados. Percebe-se que os fatores relacionados à estética ambiental, definidos por uma sociedade e refletidos nas formações paisagísticas, promovem a demanda turística, proporcionando maior interesse pelos locais, fatos que se traduzem em investimentos diversificados na região. Dessa maneira, os cenários das paisagens tornam-se atrativos turísticos por despertarem nas pessoas motivações imaginárias para vivenciarem momentos únicos de recreação e lazer, além da fruição evidenciada principalmente pelos clichês de lugar-paraíso. (RAYEL, 2011).

A imaginação, o olhar e o fazer turístico apropriam, adaptam, produzem, reproduzem, transformam e consomem as paisagens, afirmando-se em particularidades as localidades e cenários paisagísticos, determinadas pelas práticas sociais contemporâneas de lazer. John Urry (2001) tratou desse assunto a partir do olhar do turista, propondo duas visões: primeiramente, a romantizada, daquele que busca a contemplação da natureza e de elementos autênticos, seletos, que transcendem ao sentimento de bem-estar e satisfação elevada. O outro olhar, cada vez mais presente na sociedade, é o da “necessidade” de visitar lugares e participar como coadjuvante de um destino turístico com o intuito de mostrar a todos que “esteve presente”, por meio de fotografias e, mais recentemente, pelas *selfies*, que revelam o indivíduo em viagem mais preocupado em ostentar o “fato de estar no lugar de desejo” pelo exibicionismo digital, ao invés de realmente conhecê-lo e vivenciar experiências únicas com a comunidade local.

Nesse processo de turistificação ocorre a comercialização de paisagens idealizadas no imaginário coletivo e divulgadas por diversas mídias e plataformas digitais, em apelos publicitários que, muitas vezes, não se preocupam com as realidades locais e regionais existentes, mas com o

status proporcionado pelo simples fato de se viajar a outros lugares. O marketing turístico vem a ocultar os fatos reais das localidades turísticas, no intuito de mascarar os valores identitários legítimos, distorcendo os saberes e modos de vida tradicionais, as condições de carências ou falta de infraestruturas, o vandalismo e a violência nos espaços públicos, marginalizando e excluindo segmentos das comunidades, conforme Yáziği (1999).

Pela ótica do turismo, podemos visualizar a homogeneização cultural que ocorre nas sociedades contemporâneas, o consumo excessivo dos atrativos turísticos em detrimento da valorização, recuperação e revitalização dos recursos genuínos que ainda preservam suas peculiaridades e conseguem levar à diferenciação dos espaços, a ponto de transformá-las em verdadeiros lugares de convivência e aprendizado. Assim, por tantas vezes, as paisagens turísticas revelam muitos ambientes artificiais, produzidos dentro de padrões estéticos nem sempre adequados e aceitáveis às características e identidades dos diferentes locais.

Percebe-se que essas destinações turísticas, em sua maioria, não promovem a interação dos visitantes com as populações locais, causando a exclusão direta e indireta dos moradores em detrimento da alienação dos turistas, em vista do capital de lucro. Os visitantes, em suas estadas nos espaços turísticos, vivenciam, constantemente, momentos de “espetacularização” que não correspondem às similitudes territoriais, mas às imagens constituídas de signos que apresentam uma realidade invertida, de afirmação da aparência e negação da vida real, como referenciado por Guy Debord (1997) em seu livro “A Sociedade do Espetáculo”. Esses espaços, direcionados ao uso do turismo, idealizados dentro de critérios estéticos não autênticos tornam-se apelo à valorização “mercantilizada” das paisagens, no conceito de paisagem-mercadoria, onde a imagem é transmutada em produto turístico.

Embora essa realidade ainda seja predominante, Yáziği (2002, p.27) defende que a reestruturação dos espaços turísticos deve dignificar o cotidiano em prol do usufruto de todos. Para este autor, isso ocorrerá “essencialmente da força política e da capacidade criativa dos grupos”, que podem manter a integridade ecológica e cultural em suas particularidades originais. O segmento de Turismo de Base Comunitária (TBC) vem caminhando justamente nesta linha, que de acordo com Sampaio (2005), se opõe ao modelo de turismo convencional, de caráter consumista, como eixo norteador nas relações que unem esforços públicos e privados, por meio da gestão participativa da comunidade, especialmente de pequenas localidades, que inserem a atividade turística no seu planejamento municipal.

Os métodos de ordenação do TBC envolvem os cidadãos-residentes para favorecer a criação de parcerias de cooperação mútua, como o associativismo e/ou cooperativismo, que impulsionam de maneira articuladora e empreendedora a cadeia produtiva, onde os serviços turísticos projetados regionalmente oferecem oportunidades que contribuem para beneficiar as comunidades

(CORIOLANO, 2006). De tal modo, desconstruir a ideia de lugares similares que se tornaram turísticos é uma tarefa nada fácil, porém pode acontecer em consonância com os demais setores da sociedade, na qual as comunidades responsáveis podem empenhar-se em novas formas de gestão criativa do turismo.

O desenvolvimento territorial sustentável é uma missão do turismo comunitário, pois agrega, além da comunidade, os aspectos espaciais, estruturais, funcionais e estéticos de uma região, que incluída no processo de turistificação revela as percepções, as memórias individuais e coletivas advindas da vivência ambiental, delineadas nas formas paisagísticas constituintes, que estão relacionadas aos conhecimentos dos sujeitos desses lugares. Assim, Dias (2004) afirma que o saber ambiental, contextualizado na ideia polissêmica de sustentabilidade, pode produzir relevantes benefícios, como instrumento transformador da sociedade. Sabendo que, a organização e disseminação dos conhecimentos genuínos por meio da educação, podem viabilizar novas formas de compreensão do espaço turístico.

Encontra-se, na potencialização do saber endógeno, relevante contribuição para o desenvolvimento da comunidade receptora, sendo protagonista do processo de sensibilização, preparação, planejamento e gestão desta atividade, que promove a superação de barreiras eventualmente criadas, a partir do fortalecimento das relações interpessoais, dos intercâmbios socioculturais, do compartilhar conhecimentos e vivências, mediante aos exemplos de hospitalidade, como lembra Coriolano (2006). Contudo, um dos principais papéis das comunidades turísticas é o ato de receber, que busca na transmissão dos saberes mais autênticos retratar os seus reais predicados, destacados pelos diferenciais concernentes às identidades: cultural, territorial e paisagística, que são observadas como multidimensionalidade da paisagem nas diversas representações imagéticas.

Entre essas dimensões e modalidades funcionais, o turismo apresenta notoriedade, enquanto atrativo turístico, ao promover novas experiências, que ampliam a percepção humana, podendo possibilitar outros e significativos aprendizados. A atividade turística como uma resultante funcional da paisagem apresenta-se distribuída e conectada a demais segmentos de maneira simultânea, aproveitando o mesmo espaço para mais de uma finalidade, através da reconhecimento dos valores comunitários para a formulação de diretrizes da gestão turística sustentável, com bases adaptativa, colaborativa e educativa, pois prioriza as ações educacionais para o conhecimento e uso da realidade de um lugar.

3. A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO ECOLÓGICA NO TURISMO

Os caminhos que levam aos desdobramentos e intersecções entre a educação ambiental, patrimonial e turística, fundamentadas nos princípios ecológicos, são complexos em decorrência das múltiplas configurações dos cenários ambientais, apresentando distintas multifuncionalidades paisagísticas, bem como do amálgama de inúmeros valores associados às diferentes localidades. Com tais características, consideramos que a educação ecológica seja relevante para o estudo dos efeitos e impactos relacionados às atividades turísticas, principalmente no que tange à conservação do patrimônio natural e cultural, por meio de ações assertivas capazes de propiciar transformações nos comportamentos das comunidades autóctones, como também dos visitantes.

Em uma visão holística e sistêmica, a educação ecológica abrange campos inter e transdisciplinares, como instrumento de releituras da paisagem turística. Ao fazermos referência à “alfabetização ecológica” postulada por Capra (2003), que a defende em função de uma vida sustentável, notamos o estímulo à compreensão da ecologia como criadora de elo afetivo com a natureza. Nesta linha de pensamento, Dias (2004) menciona a importância da educação baseada em uma nova ética de respeito ao ambiente, que elucida valores e desenvolve atitudes conscientes e proativas, no contexto de criar outra cultura de gestão ambiental.

Dessa maneira, entremear a educação ecológica nas ações de educação turística é propor a idealização de outros entendimentos sobre as relações ambientais interdependentes aos fenômenos turísticos, como mecanismo de prática inovadora, capaz de influenciar positivamente a postura humana. Os aprendizados adquiridos pelas experiências ambientais promovem novas reflexões para um olhar plural do uso e administração dos bens patrimoniais paisagísticos que, para Meneses (2012, p.36), mostra os significados das identidades culturais, das informações, “as vivências” e “os viventes”, possibilitando “a democratização do conhecimento sobre o patrimônio de uma população ou grupo social; a conscientização e a orientação para a fruição desse patrimônio; a gerência e a sustentabilidade do projeto de desenvolvimento com base na interpretação”.

Neste sentido, os programas formais, informais e não formais de educação turística que pretendem por meio da interpretação dos elementos paisagísticos, desenvolver a consciência do cidadão-residente e do cidadão-turista de modo mais humanizado, solidário e menos mercantil do turismo, gera processos cognitivos e afetivos que permitem não somente entender o local como um lugar turístico, como também identificar as mudanças perceptivas e valorativas pró-ambientais, por decorrência de condutas individuais e coletivas que visam à qualidade de vida, conforme afirma Guimarães (2006; 2007). Por este ângulo, esta autora observa a amplitude conceitual da paisagem no âmbito educacional:

A paisagem é um ambiente de ensino-aprendizagem dirigido e incidental, através da interpretação e valoração paisagísticas, na formação de condutas pró-ambientais, favorecendo a conservação do meio ambiente induzindo a construções e reconstruções dos conhecimentos e valores, e a novos padrões atitudinais e comportamentais, destacando o papel da educação ecológica na reconexão do ser humano com o entorno (GUIMARÃES, 2007, p.19).

Ao pensarmos que a paisagem pode ser considerada um recurso educacional, faz sentido incorporá-lo como uma de suas multifuncionalidades, que aliada ao turismo, propõe à comunidade e aos visitantes princípios morais, em ações associativas e cooperativas, mediante a instrumentalização ambiental que sensibiliza os participantes envolvidos para atitudes conservacionistas. O turismo, a educação e a conservação ambiental devem caminhar juntos para fazer merecer e respeitar o patrimônio visitado, como premissa básica dessa atividade, visando dinamizar conscientemente a boa convivência ambiental e sociocultural.

Em princípio, as práticas educativas promovidas pela educação ecológica no turismo contribuem para mitigar os conflitos entre os autóctones e turistas, além de outros decorrentes da deterioração ou, até mesmo, da destruição do patrimônio das comunidades receptoras, em uma relação dialógica de reconhecer o experienciar. O diálogo entre a comunidade e os visitantes cria a troca de experiências que originam o compreender do patrimônio observado e vivenciado, possibilitando o visitante experimentar os hábitos, costumes singulares e legítimos de cada região.

Potencialmente, o turismo busca promover a aproximação e a convivência entre visitante e visitado, e do visitante com o local turístico. Observam-se, nesta relação, emoções topofílicas ou topofóbicas, (TUAN, 1980) e biofílicas ou biofóbicas (WILSON; KELLERT, 1993), associadas direta e indiretamente à qualidade da experiência do visitante. Estes sentimentos também influenciam na percepção e interpretação das paisagens, podendo, então, ocorrerem de modo positivo ou negativo e, nos casos adversos, inclusive levando a processos de hostilização relativos ao turista ou à comunidade local.

No processo educativo e cognitivo de cunho turístico, o cidadão-residente precisa ser sensibilizado diante dos valores locais, para mostrar sua realidade aos visitantes de maneira contextualizada, contemplando as diferenças harmoniosamente, e buscando gerar emoções agradáveis, no turista, pelo lugar que está visitando, através das operações turísticas. Essa situação nem sempre acontece, devido ao despreparo da comunidade, que não interioriza essas questões correlacionando-as ao uso do turismo responsável, bem como do próprio visitante que não respeita e não assume sua responsabilidade no espaço visitado. Logo, a educação turística se faz necessária para o empoderamento das populações locais, que conscientes podem fortalecer as relações de convivência produtiva, através da tomada de decisões e da capacidade de distinguir os seus direitos sociais, servindo como indicador da metodologia colaborativa do turismo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há observações que resultam em inquietudes, diante do que foi analisado neste artigo, e nos conduzem aos seguintes argumentos: Como um lugar turístico é compreendido pelos seus residentes e visitantes? Será que as localidades turísticas são reconhecidas e valoradas por sua comunidade? Esses destinos estão preparados para receber o visitante? O que ele espera conhecer como realidade de um lugar turístico? Estas perguntas nos remetem ao exame de consciência coletiva pelo uso consciencioso das paisagens e lugares turísticos.

Não podemos desconsiderar as conexões ambientais e educacionais no turismo, no sentido de ampliar as fronteiras da educação turística para a pluralização do olhar, permitindo visões mais críticas, relativas à compreensão ecológica do meio, em suas dimensões e funções, com intuito de preparar continuamente todos os envolvidos nessa atividade, independentemente de sua atuação, para que procedam de forma integrada nos setores locais e regionais, fortalecendo os valores identitários e territoriais.

A paisagem, considerada mecanismo educativo às comunidades, abrange diferentes aspectos correlacionados à experimentação turística, às constantes dinâmicas de outras e novas releituras do território e das demandas correspondentes, capazes de criar atividades de em prol da valorização ambiental, como critério para a proteção socioambiental e o desenvolvimento de comunidades sustentáveis.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. (Trad. Joaquim José Moura Ramos et. al). São Paulo: Abril Cultural, 1978. 354p.

BERNÁLDEZ, F. G. **Ecología y paisaje**. Madrid: Blume Ediciones, 1981. 251p.

BOLÓS, M. et al. **Manual de ciencia del paisaje: teoría, métodos y aplicaciones**. Barcelona: Masson, 1992. 273p.

BRANDT, J.; TRESS, B. and TRESS, G. (org.). **Multifunctional Landscapes: Interdisciplinary Approaches to Landscape Research and Management**. Roskilde: Centre for Landscape Research, 2000. 264p.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 165-193.

CAPRA, F. Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, A. (coord.) **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p 18-33.

CORIOLANO, L. N. M. T.. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006. 238p.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. (Trad. Estela dos Santos Abreu). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 173p.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004. 541p.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980. 220p.

GUIMARÃES, S. T. DE L. Rotas de uma paisagem: algumas considerações preliminares sobre as estradas do Parque Estadual da Serra do Mar, núcleo Santa Virgínia. **Caderno de Geografia**, v. 23, n.39, p. 80-97, 2013.

GUIMARÃES, S. T. DE L. Trilhas Interpretativas e Vivências na Natureza: aspectos relacionados à percepção e interpretação da paisagem. **Caderno de Geografia**, v. 20, n.33, p. 8-19, 2010.

GUIMARÃES, S. T. DE L. **Paisagens: aprendizados mediante as experiências**. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 2007, 160f. Tese Livre-docência, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. 2007.

GUIMARÃES, S. T. L.; DACANAL, C. Arquitetar para viver. Educar para conservar: faces da qualidade ambiental e da qualidade de vida na conservação do meio ambiente, **CLIMEP - Climatologia e Estudos da Paisagem**, v. 1, n.1, p. 20-39, 2006.

GUIMARÃES, S.T.L. Planejamento e proteção dos recursos paisagísticos: aspectos relacionados à cognição, percepção e interpretação da paisagem. **OLAM – Ciência & Tecnologia**, v. 5, n.1, 2005, p. 202-219.

GRUNBERG, E. Educação Patrimonial: trajetórias. In: BARRETO, E. A. (org) **Patrimônio Cultural e Educação: artigos e resultados**. Goiania: Talento, 2010, p. 37-41.

MEINIG, D. W. **The interpretation of ordinary landscapes: geographical essay's**. Oxford: Oxford University Press, 1979. 255p.

MENESES, U. T. B. de. A paisagem como fato cultural. In: YAZIGI, E. (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.29-64.

MENESES, J. N. C. A Patrimonialização da Vida: Vivências, Memória Social e Interpretação do Patrimônio Cultural. In: COSTA, E. B.; BRUSSADIN, L. B. e PIRES, Ma. Do C. **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras expressões, 2012. p.23-36.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. (Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

NAVEH, Z.; LIEBERMAN, A. **Ecology of landscapes: theory and application**. 2. ed. New York: Springer-Verlag, 1994. 360p.

NAVEH, Z. Ten major premises for a holistic conception of multifunctional landscapes, **Landscape and Urban Planning**, Amsterdam, n. 57, p. 269-284, 2001.

NAVEH, Z. The total human ecosystem: integrating ecology and economics. **BioScience**, Washington, v. 50, n. 4, p. 357-361, 2000.

PALANG, H.; FRY, G. **Landscape interfaces: cultural heritage in changing landscapes**. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. 362p.

RAYEL, R. S. **Interpretação da Paisagem Protegida de Diamantina (MG): da valoração subjetiva ao uso turístico**. 2011. 136f. Monografia (Especialização em Interpretação e Valoração da Paisagem) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2011.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n.7, p. 01-25, 1979.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. 146p.

SILVA, M. DA G. L. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer**. São Paulo: Aleph, 2004. 192p.

TUAN, Y- F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. (Trad. Lívia de Oliveira). São Paulo: Difel. 1983. 249p.

TUAN, Y- F. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Trad. Lívia de Oliveira). São Paulo: Difel, 1980. 288p.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas**. (Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura). 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 2001. 231p.

WILSON, E. O.; KELLERT, S. **The biophilia hypothesis**. Washington: Island Press/Shearwater Books, 1993. 496p.

YÁZIGI, E. A importância da paisagem. In: YAZIGI, E. (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-27.

YÁZIGI, E. **Turismo: uma esperança condicional**. São Paulo: Global Universitária, 1999. 190p.

Trabalho enviado em fevereiro de 2016

Trabalho aceito em maio de 2016